

Novos Rumos, porquê?

A necessidade de inovar!

As Universidades, pela sua importância cultural e socioeconómica, têm de se apetrechar para enfrentar novos desafios e solicitações, sob pena de se desvitalizarem. Assim, a adopção de políticas, de projectos e de modelos de planificação e gestão inovadores impõem-se como um requisito fundamental para robustecer a sua posição numa concorrência cada vez mais alargada e em que novas solicitações vão surgindo (**Novos Desafios**).

Refira-se que a mestria de intervenção das Universidades no que respeita ao desenvolvimento socioeconómico do país e das regiões em que se inserem deve resultar do seu próprio reforço através da inovação organizacional e do conhecimento. Assim se entende que as Universidades, num cenário em que a competitividade para gerar e manter recursos é cada vez mais agressiva, devem perceber que a inovação se traduz na forma como se consegue alterar os modelos organizacionais (**Novos Rumos**), promovendo um maior valor acrescentado suportado pela vanguarda do conhecimento instalado na pluralidade dos seus membros.

No mundo contemporâneo, a questão da inovação tem vindo a ganhar força e a marcar a agenda política e económica, a vários níveis. Contudo, a aplicação desse conceito nem sempre tem sido devidamente fundamentada, podendo mesmo dizer-se que não existe uma definição consensual do mesmo.

Associado ao conceito de inovar podemos identificar algumas linhas gerais, tais como: mudança de valor e satisfação proporcionada aos utilizadores; aplicação de ideias e de conhecimento de forma a responder com sucesso a uma necessidade presente ou futura; e benefício inerente a um novo produto, resultante de uma ideia.

Deste modo, em síntese, pode referir-se que a inovação resulta da exploração bem sucedida de ideias que agregam em si mais valia para quem as promove e para os utilizadores (**Novos Desafios, Novos Rumos**).

Por outro lado, a inovação não é indissociável da criatividade e do *design*, ou seja, da produção de novas ideias e da sua moldagem de forma atractiva e prática. No entanto, para surtir efeito deve estar suportada por um processo participativo, resultante do trabalho em equipas multidisciplinares, o que permite que seja alavancada pela vanguarda do conhecimento de uma forma articulada e cooperante.

No contexto actual, a inovação tornou-se um dos principais chavões nos discursos, o que tem também levado à sua banalização, pois é reconhecido que não se impõe só por ser proclamada. **Apenas através da consciencialização e da mudança de paradigma se conseguirá adoptar um rumo que permita um maior envolvimento de todos, suportado por um verdadeiro movimento participado, e não de mera representatividade nos órgãos de governo da Universidade.** Também se justifica discutir o modelo associado a esta maior democraticidade na participação representativa em órgãos de governo. Assim, emerge o conceito de que o que caracteriza uma instituição inteligente é a capacidade para gerar e aplicar o conhecimento em inovação e desenvolvimento. Para tal, a produção de conhecimento, a transferência de tecnologia, o financiamento da inovação e a cobertura digital são veículos essenciais para facilitar que o conhecimento e os processos de transferência de conhecimento permitam a concretização da inovação. Não obstante, uma instituição digital não é necessariamente inteligente, pois as infra-estruturas tecnológicas, por si só, estão desprovidas de inteligência. Uma instituição inteligente tem sempre um forte pendor digital, contudo o conhecimento, o capital intelectual, os talentos e a criatividade é que determinam o nível de inteligência instituído. Deste modo, o rumo para a verdadeira inovação deve basear-se na criatividade como ferramenta para o desenvolvimento, o incremento de actividades criativas e uma atracção cada vez maior de recursos

humanos criativos.

Por fim, permitam-me um desafio: que a comunidade de Professores e Investigadores da UMinho consiga ser inovadora na forma de abordar o acto eleitoral para o Conselho Geral, já no próximo dia 2 de Março. **Sejamos criativos, promovendo uma forte participação que dê um sinal para o exterior e exprima a nossa ligação ao rumo vindouro da instituição.**

Braga e Universidade do Minho, 17 de Fevereiro de 2009

Rui A. R. Ramos – Dep. de Eng. Civil da Escola de Engenharia